

Uma hipótese sobre a noção de corpo

Luciana K. P. Salum

^{1*} Apola – Apertura para Otro Lacan/ krissak.luciana@gmail.com

Resumo:

Defenderei que a noção de corpo para a psicanálise lacaniana não tem nada de intuitivo. Tal concepção é herança de condições prévias do pensamento. Este artigo pretende demonstrá-las para então apresentar a hipótese de um corpo enodado pelos três registros: Real, Simbólico e Imaginário.

Palavras-Chave: corpo; psicanálise; lacan.

^{1*} Psicanalista. Doutora – USP.

Minha intenção é tentar conhecer minimamente algumas determinações do pensamento que constroem a ideia de corpo com a qual estamos acostumados a lidar. E a partir dela, marcando suas influências, lançar uma hipótese sobre tal noção exclusivamente dentro do campo da psicanálise lacaniana.

Pretendo defender que o corpo não tem nada de intuitivo. Para isso, será necessário desconstruir tais condições prévias que já nos fazem articular um significado determinado a esse vocábulo. Este percurso tem o intuito de pensar com qual corpo nós trabalhamos quando recebemos alguém no consultório com um pedido de análise.

Lanço então uma pergunta: considerando o sujeito para a psicanálise, ele tem corpo?

Para tentar respondê-la, numa espécie de epígrafe tardia, trago um trecho de Roland Barthes que está em sua autobiografia: *Roland Barthes por Roland Barthes*. Ele começa assim: “Eis o que fiz um dia com o meu corpo” (Barthes, 2003,p.75), e conta que fez uma cirurgia e foi obrigado a tirar parte de sua costela, que lhe foi, depois, “devolvida solenemente”. O médico chega no dia seguinte com um pedaço de seu osso, entrega-lhe e diz que o seu corpo lhe pertencia.

Ao recuperar a sua costela, Barthes diz: “guardei durante muito tempo, numa gaveta, esse pedaço de mim mesmo”. Em uma leitura desse fragmento, Gonçalo Tavares² fala de uma espécie de “intensidade invulgar” da cena. Geralmente aponta-se para as coisas do mundo, para os diferentes objetos a nossa volta. Aqui, “aquilo para onde aponto fui eu”. E continua:

Pensemos em quem aponta para um objeto que já foi essencial em sua vida, mas agora perdeu a força, tornou-se insignificante. Pensemos, por exemplo no amante que já não ama a apontar para o fio de prata oferecido pelo seu antigo amor, podendo neste momento dizer: aqui já fui eu. (Tavares, 2013, p.190)

Vejam, ele não diz “aquilo já foi meu”. Ele nos diz: “aquilo já fui eu”.

² Tavares, G. (2013). *Atlas do corpo e da imaginação*. Portugal: Editorial Caminho. p 190.

Munida de Barthes e desse trecho, volto à questão: considerando a noção de sujeito para a psicanálise, ele tem corpo?

Isso para declarar a importância em pensar o corpo articulado a uma teoria do sujeito e se esquivar da homogeneização que possa ocorrer ao vislumbrar um vocábulo de sentido unívoco. Trata-se de investigar, portanto, o corpo com o qual lidamos. E este, por sua vez, é aquele que sofre.

Aquele corpo que vai ao hospital e frequentemente escuta que não tem nada. Assim como aquele que diz “sinto que meu braço vai cair se eu fizer carinho no meu pai” ou ainda com aquele que toma banho e não consegue se desfazer do cheiro do outro. Igualmente temos aqueles que acreditam que parte de seu corpo lhes ultrapassa transvestido em seus objetos a marcarem a persistência da lembrança que denuncia o corpo que fui outrora.

É desse corpo que estou falando.

Por isso endosso: vou trabalhar teoricamente com o corpo de alguém que chega no consultório. Um corpo que, adianto, será de difícil apresentação, pois o que eu pretendo defender como hipótese é que ele é de impossível representação 3d. Representação com a qual estamos acostumados a imaginá-lo.

Minha hipótese caminha na direção de um corpo enodado.

Enodado pelos três registros lacanianos. Pelo Real, pelo Simbólico e pelo Imaginário. Enodado, portanto, por um nó borromeano.

Na minha perspectiva, a topologia, os nós, não são ideias para dar conta da totalidade da clínica, mas para tentar, como uma ferramenta mesmo, apresentar figuras que são interditas pelo imaginário. Pela minha leitura, que não é a única, a defesa por uma satisfação orgânica anterior à linguagem não é compatível com o corpo que proponho nesta discussão. A satisfação primeira nunca existiu. Existem passagens nas quais Lacan sugere essa ideia, mas entendo que toda a sua epistemologia caminha em direção contrária. Ou seja, entendo, com Lacan, que não há realidade pré-discursiva. Ou, em outras palavras, que não há real anterior à linguagem porque o sujeito não é inato. Veja, parece haver aqui uma pegadinha. Que é justamente uma das leituras possíveis

distintas da que eu estou apresentando a vocês. Porque se ele não é inato, dá ao nosso pensamento a possibilidade de um antes, e isso nos faz cogitar a ideia de “primeiro carne, depois corpo”, ou seja, uma perspectiva evolucionista e linear da construção de nossa representação corporal.

Quem responde bem a este impasse são dois autores a partir de dois de seus livros. Cito-os: Alfredo Eidelsztein com *A origem do sujeito* (2020) e Bruno Bonoris com *El nacimiento del sujeto del inconsciente* (2019).

Qual é então o corpo que dói? Temos uma tendência ocidental, não podemos negar, de localizar o sofrimento. E geralmente temos duas opções. O organismo e a alma. Importante ressaltar que estamos constituídos pela ideia de interior e exterior. E é muito difícil nos livrarmos dela. A alma e o pensamento estariam, portanto, dentro de mim, dentro do meu corpo. Parece complicado considerar que proponho reconhecer, com Lacan, que o meu pensamento possa não ser de minha propriedade, que não é interior. Vamos lá: “penso, logo existo”. É como se eu perguntasse: “quem disse que esse ‘penso’ da frase sou eu?” Como quem diz: “quem disse que esse pensamento é teu?” O Cogito cartesiano, contrariamente ao que apresento neste texto, inaugura um sujeito que pensa e, por isso, ele existe. Que é consciente de si, identificado a si.

Isso se parece com a psicanálise lacaniana?

Parece-me algo muito distante.

Lacan faz uma fenda entre o pensamento e o ser; para ele, *pensar e ser* não coincidem. De René Descartes,³ um autor privilegiado em sua obra, com o “penso, logo existo”, Lacan caminha, na “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”,⁴ ao “penso onde não sou, logo sou onde não penso”.

Um bom exemplo nessa linha são os pensamentos intrusivos. Neles, o pensante quase nos diz: “eu não tenho nada a ver com este pensamento que me habita. Tire meu pensamento daqui”.

³ Descartes, R. (1996). *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fonte.

⁴ Lacan, J. (1998). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Se a linguagem que aparece pelo meu pensamento não está em mim, no sentido de dentro de mim, nem dentro de você, consigo propor que significantes que causam dor no corpo precisam ser tratados por significantes.

Com a bagagem apresentada, pergunto: e corpo real, o que é?

O que entendi como explicação dessa expressão, em razão do uso corriqueiro dela, é a utilização de um corpo que ainda não foi tocado pela linguagem. O “ainda” é marca daquela linhagem constitutiva que eu trouxe a vocês, imersa na nossa forma de pensar. Se ele não foi tocado pelo significante, isso implica na impossibilidade de tratar desse corpo com a interpretação. Seria então a clínica do real? Importante dizer que Lacan nunca falou, eu pelo menos não achei, em clínica do real. Os pós lacanianos, sim. A clínica lacaniana, como nos lembra Michele Roman Faria,⁵ sempre foi borromeana.

Vamos a Freud e a sua relação com as histéricas. Freud investigava e era convocado pelos sintomas que apareciam nos corpos de suas pacientes. Estamos lá, bem no início, no estudo sobre a histeria. Chegavam contraturas, epilepsias, tiques... eu poderia citar tantos outros. E Freud diz que há uma relação simbólica, como uma espécie de costura, entre o motivo precipitador e o fenômeno patológico.

O que seria isso que ele chama de relação simbólica?

Quisera eu poder esclarecer com Freud. Cito-o com relação à organização do material patogênico: “Afirmamos, sobre esse material, que ele se comporta como um corpo estranho” (Freud, 2016, p. 407), e para curar seria necessário recordar com afeto. Quase como quem diz, “recordar com o corpo”. Freud questionava a falta de desgaste de uma lembrança, havendo uma possibilidade muito vívida de recordação e a sua hipótese é que ali houve um afeto estrangulado.

O que é importante destacar dessa história é que o corpo das histéricas resistiu ao corpo cartesiano. E o que eu entendo por corpo cartesiano é um corpo

⁵ Faria, M. R. (2019). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan*. São Paulo: Toro Editora.

sem história, um corpo pensante e, por isso, existente, um corpo como uma realidade dada.

Assim, o corpo que aparece diante de Freud precisa ser pensado por uma nova substância. Bruno Bonoris (2021) tem um capítulo em seu livro *El nacimiento del sujeto del inconsciente*⁶ dedicado a esta questão. Não apenas indico fortemente a leitura como saliento que boa parte destas discussões foram desenvolvidas numa conversa com o livro.

Sabemos, com Freud, que há um lugar no corpo de suas pacientes tocado por um alto valor de afetos estrangulados que, por sua vez, deixa de se associar com as demais partes do corpo, sendo então reconhecido como parte estranha a ele. Freud constrói uma espécie de equação: recuperar o afeto, curar o sintoma. O corpo é apresentado como um corpo afetivo. Um corpo afetado por lembranças, histórias, ideias e aberto a constantes interpretações. Um corpo completamente diferente do corpo máquina, do corpo organismo. Não desenvolverei aqui o encaminhamento teórico dado por Freud porque o que me interessa neste momento é a leitura que Lacan faz a partir da descoberta desse corpo feita por Freud. Desse corpo cheio de palavras. Palavras aqui no sentido de *parole*, palavras faladas. Palavras sempre postas em movimento e que ganham significações a partir do discurso construído e não de um significado dado de maneira chapada a um vocábulo. Parece-me que esse foi o grande uso de Lacan para avançar sobre o que nos propõe acerca do corpo.

Assim, eu poderia complementar que, diferentemente de um corpo próprio, seria um corpo impróprio.⁷ Achei um exemplo que ilustra o que pretendo com o impróprio. No livro *A queda do céu*, Davi Kopenawa relata que antes dos brancos aparecerem na floresta, as pessoas eram chamadas pelos apelidos da infância, e estes, por sua vez, eram descritivos: “o fala alto”, o “olho grande”. Trata-se, sempre, de ou uma descrição física, ou uma descrição comportamental. E sobre o nome próprio, ele nos diz:

⁶ Bonoris, B. (2021). *El nacimiento del sujeto*. Buenos Aires: Letra Viva.

⁷ Montessano, H. (2018). La impropiedad del cuerpo. *El rey está desnudo*. N 13, 59-68.

[...] essas palavras são muito feias. Fazem isso só para maltratar as pessoas que designam. Pois entre nós é um insulto pronunciar o nome de alguém em sua presença ou diante dos seus. Assim é. Não gostamos de ouvir o nosso nome. Isso nos deixa furiosos de verdade. E se alguém o pronunciar em voz alta. Vingamo-nos em seguida fazendo o mesmo. É assim que trocamos insultos. Expondo os nossos nomes aos ouvidos de todos. De modo que aceitamos ter nomes, contanto que eles fiquem longe de nós. São os outros que usam o meu nome próprio sem que eu precise saber. (Kopenawa, 2015, p.71)

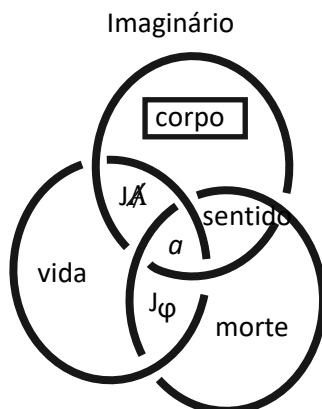
Eis a ideia: o que eu tenho de mais próprio, o meu nome, é o outro quem usa. Ao associar ao que proponho, lanço: o que eu teria como próprio corpo não seria da minha propriedade. O corpo impróprio vai contra o individualismo moderno, vai contra a biologização e denuncia a sua falta de unidade e de identidade. Ou seja, defendo que renunciemos a esse corpo único e idêntico a si mesmo. Mas, claro, não podemos renunciar a essa influência e a como ela interfere na nossa concepção.

Para isso, outra pergunta.

Como se dá, então, o encontro da linguagem com o biológico?

Já reconheço um problema nessa colocação que acabo de fazer. Seria, como entendo, o encontro da linguagem com a representação, com a consistência — para usar uma palavra cara a Lacan — do biológico.

Na terceira conferência de Roma, *A terceira*, Lacan localiza o corpo. Entendo que é este o corpo, localizado no registro do imaginário, que é comumente pensado como real, na medida em que, com frequência, confundimos real com realidade.



Pergunto aos leitores: se eu belisco o meu próprio corpo, esse ato seria lido como “eu cheguei no real do meu corpo”? Responderia que não. Considero, com Lacan, que esse beliscão se deu no corpo imaginário. O corpo na perspectiva lacaniana possui consistência imaginária.

É importante dizer que tanto em 1953 como no final de seu ensino, no *Seminário 22, R.S.I.* (inédito), Lacan postula uma teoria na qual o corpo oferece sempre uma consistência imaginária. Ele não muda quanto a isso.

Vamos ao Seminário, livro 1, com a primeira fase do estágio do espelho. Na aula de 24 de fevereiro de 1954, Lacan apresenta uma diferença entre imagens ópticas. Tem as subjetivas virtuais e as objetivas reais. E ele nos dá um exemplo de uma imagem subjetiva, o arco-íris. Mas, junto com o exemplo, apresenta uma provocação, pois alerta-nos que, caso tiremos uma foto do arco-íris, ela vira uma imagem objetiva real. Ou seja, a foto marca a existência real de uma imagem subjetiva virtual.

Esse exemplo nos lança para o que aqui me interessa: o engano.

Cito Guimarães Rosa no conto “O espelho”:

O tempo é mágico em todas as traições... e os próprios olhos, de cada um de nós, padecem viciação de origem... Os olhos, por enquanto, são a porta do engano. Duvide deles, dos seus, não de mim. (Rosa, 2005, p. 114)

Vamos então ao início do esquema de Bouasse, no estágio do espelho. Lacan demonstra que a imagem dá a ilusão de uma unidade. O espelho esférico, por uma miragem, produz uma imagem real. A imagem virtual é a nossa no espelho, é aquela que eu vejo onde eu não estou. Aqui, nesse exemplo, a ilusão de unidade é chamada de imagem real. E como estágio se refere a espaço e não é estágio, não faço aqui uma leitura de linearidade.

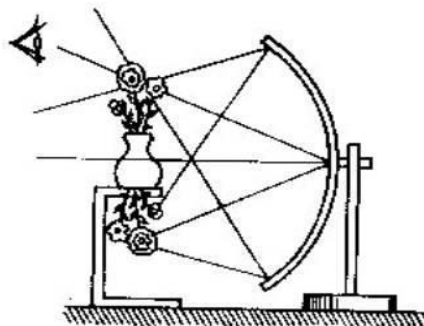


Figura. 1. O experimento do bouquet invertido de Henri Bouasse. (LACAN, 1954/1986)

Guardo a informação de que o corpo, como unidade, como imagem real, é uma ilusão. Que a sua consistência, amparada pelo registro do Imaginário, do início ao fim da obra de Lacan, é fonte do engano. O corpo, portanto, para esse sujeito da linguagem, tem consistência enganosa. E o olho — *que não é o da flor nem o do vaso* — denuncia que o eu se constitui pelo outro.

Ou seja, o vaso com o buquê só se constitui como uma unidade a partir do olho, que é de outro. O estádio do espelho coloca em jogo o substancialismo do eu corporal ao marcar sua consistência numa imagem real amparada num engano. Ilustro tal ideia com a carta de Rimbaud recordada por Lacan. O poeta nos diz: “nos equivocamos ao dizer ‘eu penso’, deveríamos dizer, “me pensam”. Desculpem-me pelo jogo de palavras, o eu é um outro.”⁸

Deduzo dessas últimas palavras: a pessoa tem uma consistência imaginária. Mas, para pensar o corpo do sujeito, eu preciso do corpo enodado. O sujeito aqui não é representado num modo existencial 3d — ele não se situa, justamente, como efeito entre os significantes? —, e o corpo enodado seria um corpo com uma superfície 2d. Uma hipótese, portanto, que se apoia na topologia.

⁸ Presente na carta enviada a Georges Izambard no dia 13 de maio de 1871.

Vamos para *O Seminário, livro 23, O sintoma*. “Ter relação com o próprio corpo como estrangeiro é, certamente, uma possibilidade, expressada pelo fato de usarmos o verbo *ter*. Tem-se o seu corpo. Não se é ele em hipótese alguma.” (Lacan, 2007, p. 146)

E continua: “tento dar outro corpo a esta intuição em meu nó borromeano” — a intuição à qual Lacan se refere aqui é o corpo 3d. Vale ressaltar, como destaca Alfredo Eidelsztein (2017) na primeira reunião do *Outro Lacan*, dedicada, justamente, às investigações sobre o corpo, uma característica importante dos nós: não se pode pegá-los ou tocá-los com as mãos.

Seguindo as indicações de Eidelsztein, chegamos ao seminário *R.S./* (inédito) e lá nos deparamos com Lacan fazendo um nó cheio de toros e nos lançando a um novo neologismo: toro-tripa ou toro tubo, a depender da tradução. Cito Lacan:

Mas o que incomoda é que a análise revela que, no que é da consistência do corpo, é a tripa que se deve vir, que no lugar dos poliedros que ocuparam a imaginação timeana, timéica, durante séculos, é o que eu chamava ainda há pouco de toro-tripa que prevalece. (Lacan, 1974-1975, inédito)

Lembrem-se: ele já se cansou de nos falar que a consistência do corpo é imaginária. É como se nos dissesse: eu vou tentar localizar outro corpo que não este que esta ali na consistência imaginária, que eu já localizei para vocês na terceira conferência de Roma e me tornei repetitivo quanto a sua substância imaginária no meu seminário 22, *R.S./*. Ou seja, Lacan apresenta uma nova noção de corpo que é de difícil representação: o corpo-tripa ou toro-tripa. Deveríamos tentar, portanto, uma representação 2d.

Mas como a gente pode considerar um corpo não imaginário, se estamos no imaginário? Como poderíamos driblar o imaginário para pensar um corpo não representado pelo imaginário? Lacan nos ajuda a resolver esse impasse e diz:

Estamos no imaginário, e é o que se deve lembrar. Por mais elaborado que o faça, é ao que a análise nos leva, é no imaginário que se está. Não há meio de reduzi-lo a sua imaginariade. É no que a topologia dá um passo. (Lacan, 1974-1975, inédito)

Como quem diz: “aqui está o meu imaginário e eu estou aqui fora do meu imaginário para poder falar de qualquer coisa que não é imaginária”. E é aí que ele recorre à topologia para tentar nos ajudar nesse impasse. Na topologia não há interno e externo. E isso é fácil de visualizar pela *fita de moebius*. Ali fica óbvio que não tem externo ou interno. Então pergunto, servindo-me de Eidelsztein, ainda na mesma aula:

A linguagem é interna ou externa?

O saber é interno ou externo?

O corpo é interno ou externo?

Isso implica dizer que o que somos como corpo enodado é apenas de interesse psicanalítico e é impossível de ser tocado na realidade tridimensional com a qual vivemos.

É essa a minha hipótese.

Mas podemos pensar o simbólico pela sua dimensão tecida pelos significantes, o imaginário pela sua consistência atravessada sempre pelo engano e o real como a própria estrutura topológica de impossível representação.

Assim, para concluir, parafraseando Michele Roman Faria no recorte trabalhado:

“para Lacan o corpo não se reduz e nem deve ser confundido pelo organismo. O corpo é real, simbólico e imaginariamente constituído”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barthes, R. (2003). *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade.

Bonoris, B. (2019). *El nacimiento del sujeto del inconsciente*. Buenos Aires: Letra Viva.

Descartes, R. (1996). *Discurso do Método*. São Paulo: Martins Fontes.

Eidelsztein, A. (2017). *Outro Lacan: Estudio Crítico sobre los fundamentos del psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Letra Viva.

- Eidelsztein, A. (2020). *A origem do sujeito em psicanálise*. São Paulo: Toro Editora.
- Faria, M. R. (2019). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan*. São Paulo: Toro Editora.
- Kopenawa, A.; Bruce, D. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lacan, J. (1966). *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1986). *O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953-1954*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Lacan, J. (inédito). *O Seminário: Livro 22: R.S.I., 1974-1975*.
- Lacan, J. (2007). *O Seminário: Livro 23: o sinthome, 1975-1976*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Montessano, H. (2018). La impropiedad del cuerpo. *El rey está desnudo*. N 13, 59-68.
- Rosa, G. (2005). *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Tavares, G. M. (2013). *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Portugal: Editorial Caminho.